

DESTAQUES
DO PORTAL
A TARDE

Reprodução

Campanha orienta povos tradicionais no combate à Covid-19
coronavirus.atarde.com.br

Empresas como o Mercado Livre e Itaú ofertam vagas
coronavirus.atarde.com.br

www.atarde.com.br
71 3340-8991
(Cidadão Repórter)
71 99601-0020
(WhatsApp)

EDITORIAL Crueldade exposta

Nem só as centenas de mortes e infectados, diariamente, expõem a dor e o sofrimento em um país debilitado pelo pífio desempenho diante da expansão rápida e letal do coronavírus: a pandemia desvelou o quanto podemos ser cruéis com nossos idosos.

Narrativas baseadas em metodologias sórdidas para escolha de quem deve ou não morrer, na falta de equipamentos, colocou contra um paredão simbólico as pessoas com menor chance de sobreviver, por terem fragilizado o organismo pelo rigor dos anos.

Trata-se de falaciosa justificativa biomédica para estigmatizar um grupo so-

cial, pois quem viveu mais pode ensinar com probabilidade maior de êxito. O desarte da experiência, na tomada de decisões, também não se sustenta no olhar frio da economia.

Evitar desperdícios, encaminhar soluções

Os idosos denunciam, ao serem atacados, a debilidade ética de um país dominado pela ignorância

mais rapidamente, tendo o tempo vivido a favor da sabedoria, são tantos os atributos, e mesmo se nada fosse a favor, bastaria o valor humanitário de cuidar de quem nos protegeu e criou, aplicado um viés amoroso.

Considerando a relevância de um líder para construção do perfil coletivo, é de lamentar o recuo do Brasil, cujo resgate da imagem de país respeitável só poderia ser obtido se reverter o inaceitável discurso de violência contra quem mais se deve reverenciar.

Etnias ciganas e indígenas são afetivamente bem mais desenvolvidas em relação à frágil civilização brasileira, por jamais abandonarem seus idosos, ao con-

trário, os veteranos têm o respeito e o carinho de sábias nações injustamente associadas a atraso cultural.

A mecânica de mercado, carente de valores morais, produz sensação de sobrepeso dos idosos, fortalecida por uma ideia prevalecente de dispêndio do Estado com o sistema de previdência, em ataque explícito a uma das conquistas mais relevantes da sociedade.

Tidos como improdutivos ou incapazes, pela língua ferina dos néscios, os idosos denunciam, ao serem atacados, a debilidade ética de um país dominado pela ignorância, em recuo de mil anos na história da ciência e produção de conhecimento.

CAU GOMEZ



Essa é a nossa bandeira

Tiago Rodrigues Santos

Professor da Educação do Campo (CFP/UFRB), coordenador do EtnografAR/UFRB e pesquisador do GeografAR-UFBA
tiago.rodrigues@ufrb.edu.br

Tradicionalmente o mês de abril é marcado pelas marchas e ocupações dos movimentos sociais do campo, recordando o fatídico 17 de abril de 1996, quando 21 trabalhadores/as rurais foram brutalmente assassinados/as em Eldorado dos Carajás, no Pará. Em movimento, os povos do campo reafirmam a bandeira da reforma agrária, reivindicam a regularização dos territórios tradicionais, apresentam um projeto de País menos desigual e injusto e evidenciam a violência e os conflitos no campo.

Em tempos de pandemia, os movimentos têm conclamado para outra marcha e empunham a sua principal bandeira: a da solidariedade. Com o coronavírus, mais do que nunca, o fosso entre civilização e barbárie é exposto: enquanto Bolsonaro e os bolsonaristas convocam o povo para voltar ao trabalho e às ruas, expressando um projeto genocida, numa inacreditável marcha da insensatez, os movimentos e entidades do campo mobilizam o seu povo a contribuir para minimizar os impactos socioeconômicos da Covid-19.

Desde o anúncio oficial da pandemia no Brasil, os movimentos sociais têm apontado caminhos para seu enfrentamento: suspensão do pagamento da dívida pública, que destina aos banqueiros mais de 40% do PIB brasileiro; taxação das grandes fortunas; implantação da renda mínima de cidadania, permitindo aos trabalhadores/as ficarem em casa dignamente; retomada do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), permitindo a destinação de alimentos ao povo mais pobre.

No campo da prática, o MST, por exemplo, priorizou sua tradicional Jornada de Lutas para a aquisição e distribuição de alimentos pelo Brasil. Simbólica foi a notícia de que no mesmo dia que um dos donos do afamado restaurante Madero demitiu 600 trabalhadores, o MST doou 12 toneladas de arroz no Rio Grande do Sul. Em todo território nacional, já passaram de 500 toneladas de alimentos distribuídos apenas pelo Movimento Sem Terra. Povos indígenas, quilombolas e pescadores montaram uma rede de ajuda mútua na prevenção e combate ao coronavírus nas comunidades tradicionais, criando, também, um circuito de apoio para permitir o acesso dos moradores ao Auxílio Emergencial.

Na Boa-Terra, entidades mobilizam os/as produtores/as rurais a contribuir com a população: o MST na Bahia já doou mais de 200 toneladas de alimentos; o Núcleo Pratiği, da Rede Povos da Mata, doou no último dia 16 de abril cem cestas básicas a famílias pobres da região sul do estado; o Movimento dos Pequenos Agricultores, o MPA, conseguiu mais de 10 mil quilos de comida que foram doados nas periferias de Salvador. Os conjuntos de ações expressam a razão pela qual a solidariedade é bandeira das organizações e movimentos, pois ela pode permitir que todos tenham vida em abundância.

Defender a vida contra a pulsão de morte

Emiliano José

Jornalista e escritor
emilijose@uol.com.br

Não se trata de uma tragédia anunciada. Não. A tragédia está em andamento. E o País submetido a um governo sem qualquer compromisso com a vida do povo brasileiro. Um presidente guiado pela pulsão de morte, a ironizar permanentemente o sofrimento das famílias, a zombar da dor das pessoas. Já ultrapassamos o número de mortos e de infectados da China, cuja população excede a nossa muitas vezes.

Nos últimos dias, relatores da ONU produziram um documento consistente criticando duramente “as políticas irresponsáveis” do governo frente à pandemia, colocando em risco a vida de milhões de pessoas. Propõem, de modo claro, o abandono das chamadas medidas de austeridade tomadas desde o governo Michel Temer, sobretudo com o enfraquecimento das políticas públicas voltada aos mais

pobres, especialmente a clara tentativa de sucateamento do SUS.

A chamada PEC do Teto de Gastos, ou PEC da Morte, ao congelar os investimentos públicos por 20 anos, condena o Estado brasileiro a ficar sem dinheiro para a Saúde e Educação e, num momento de pandemia isso fica evidente, com o colapso do sistema de saúde em vários estados, com o desespero de populações inteiras sem chance de atendimento e às vezes sem poder sequer enterrar seus entes queridos. E o presidente da República, no auge da pandemia, propondo a saída do povo de suas casas de modo a imolar-se em praça pública, expor-se à inevitável contaminação por um vírus para o qual ainda não há vacina.

Os relatores da ONU contundentes: inadiável aumentar os gastos para o combate à desigualdade e à pobreza, exacerbados sob Temer, mais ainda sob Bolsonaro, e extremamente agravados pela pandemia. O relatório da ONU foi feito diante da gravidade do quadro brasileiro, e é uma rara iniciativa feita contra um país específico.

Todos os padrões de direitos humanos foram violados com a diminuição de financiamentos para áreas básicas de saúde, moradia, alimentação, água, saneamento, igualdade de gênero. E as recomendações da Organização Mundial de Saúde, solenemente ignorados pelo presidente da República. Até mesmo a ultraliberal OCDE, tão cortejada pelo atual governo, recomendou nos últimos dias “aumentar e acelerar a concessão de benefícios do programa Bolsa Família”.

Nossa torcida é que a atitude responsável dos governadores ajude no enfrentamento dessa pandemia, de modo especial a dos governadores nordestinos, liderados pelo governador Rui Costa, não obstante saiba-se muita coisa dependa do governo federal. Tentar unir todos os defensores da vida – essa a nossa tarefa central nesse momento. Defender o nosso povo, sobretudo o mais pobre, dos terríveis efeitos dessa pandemia. Garantir políticas, sobretudo renda, a assegurar a permanência do maior número de pessoas em suas casas até que novas condições permitam a volta às ruas. Do atual presidente, espera-se muito pouco. Ou nada.

A TARDE

Fundado em 15/10/1912

Presidente de Honra: RENATO SIMÕES
Presidente: JOÃO DE MELLO LEITÃO

CONTROLLER:
Lucas Lago
RELAÇÕES INSTITUCIONAIS:
Luciano Neves
COMERCIAL E MARKETING:
Eduardo Dute

A TARDE E MASSA!:
Mariana Carneiro
PORTAL A TARDE:
Caroline Gois
RÁDIO A TARDE FM:
Jefferson Beltrão



ASSOCIADA
À SIP -
SOCIEDADE
INTERAMERICANA
DE IMPRENSA



MEMBRO
FUNDADOR DA ANJ
ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALIS



ASSOCIADA
AO IVC -
INSTITUTO
VERIFICADOR DE
COMUNICAÇÃO



PREMIADA
PELA
SOCIETY
FOR NEWS
DESIGN

SEDE: RUA PROFESSOR MILTON CAYRES DE BRITO, N.º 204, CAMINHO DAS ÁRVORES, CEP: 41820-570, SALVADOR/BA. FALE COM A REDAÇÃO: (71)3340-8800, (71)3340-8500, FAX: (71)3340-8712 OU 3340-8713. DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA DAS 6:30 À MEIA-NOITE. SÁBADOS, DOMINGOS E FÉRIADOS: DAS 9:00 ÀS 21 HORAS. SUGESTÃO DE PAUTA: CIDADAOEREPORTE@GRUPOATARDE.COM.BR, (71)3340-8991. CLASSIFICADOS POPULARES: (71)3533-0855. CIRCULAÇÃO: (71)3340-8612; CENTRAL DE ASSINATURA: (71)3533-0850.